

Adolescência e Subjetividade: pressupostos teóricos para uma análise dos sentidos e significados no campo da saúde

Débora Cristina Fonseca

Instituto de Biociências da Universidade Estadual Paulista – Campus de Rio Claro, Rio Claro, SP, Brasil

deboracf@rc.unesp.br



Educação: teoria e prática, Rio Claro, SP, Brasil - eISSN: 1981-8106

Está licenciada sob [Licença Creative Commons](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/)

Resumo

Adolescência, de forma geral, tem sido entendida como uma fase linear do desenvolvimento humano. Neste artigo, questionamos esse entendimento e trabalhamos a compreensão de adolescência, psiquismo e desenvolvimento humano mediada pelos pressupostos da teoria histórico cultural. Para essa reflexão, tomamos por referência a construção teórica e interpretativa elaborada a partir de uma pesquisa qualitativa realizada com profissionais de saúde sobre os sentidos e significados de adolescência. A análise dos dados apontou o predomínio de uma visão naturalizada de adolescência, contribuindo para a invisibilidade dos sujeitos adolescentes concretos nas práticas educativas em saúde. Considerando que a Política Nacional de Atenção a Saúde do Adolescente e Jovem (2007) dispõe sobre a necessidade de práticas educativas e preventivas com essa população, entende-se que as ações precisam ser subsidiadas por um processo reflexivo sobre adolescência e desenvolvimento humano. Dessa forma, as ações poderão ser mais efetivas se forem criadas possibilidades de reflexão, de modo a considerar múltiplas variáveis no entendimento da adolescência, sendo possível, assim, apreendê-la como construção social e não como uma etapa natural do desenvolvimento humano.

Palavras-chave: Adolescência. Subjetividade. Educação. Saúde.

Adolescence and Subjectivity: theoretical suppositions for an analysis of senses and meanings in the health care area

Abstract

Adolescence, in a general sense, has been understood as a linear phase in human development. In this paper, we question this conception and work out the understanding of adolescence, psyche, and human development mediated by the assumptions of cultural-historical theory. For this reflection, we adopted as a reference the theoretical and interpretive framework developed from a qualitative research carried out with health professionals on the senses and meanings of adolescence. The data analysis showed the prevalence of a naturalized view of adolescence, contributing to the invisibility of the concrete adolescent subjects in the educational practices in health care. As the National Adolescent and Youth Health Care Policy (2007) states on the need of educational and preventive practices with regard to this population, one understands the actions must be provided through a reflective process on adolescence and human development. Thus, these actions will be more effective if opportunities for reflection are created, taking into account multiple variables in the understanding of adolescence, allowing us, this way, to conceive it as a social construct rather than a natural stage in human development.

Key words: Adolescence. Subjectivity. Education. Health.

Introdução

A análise sobre adolescência e subjetividade deste trabalho é mediada pelos pressupostos da perspectiva teórica histórico cultural. Esta perspectiva teórica, baseada nos escritos de autores russos, entre os quais se destacam Vigotski, Lúria e Leontiev, se caracteriza por uma concepção de homem e de mundo que nega a existência de uma natureza ou essência humana. A constituição do humano dar-se-ia na apropriação objetiva do social e cultural, na interação humana, nas relações sociais e nas contradições do processo histórico. Assim, o homem, mundo e sociedade se constroem dialeticamente, nas condições concretas de existência. Referimo-nos, portanto, a uma relação dialética entre singular-particular-universal, em que o homem

particular é um ser social, e que não traz *a priori*, dentro de si, uma essência delimitada. Ele é produto de múltiplas determinações (MARX, 1983). É no vir-a-ser social que se constrói o ser singular, a individuação:

[...] o singular é tão mais compreendido, quanto mais se tenha captado suas mediações particulares com a universalidade. O singular, portanto, não existe em si e por si, mas somente por meio das mediações – o particular (OLIVEIRA, 2005, p. 50).

Entende-se, dessa maneira, que o homem se diferencia dos outros animais pela sua capacidade de ir além da percepção imediata do mundo, ultrapassando os limites da experiência sensorial, uma vez que forma conceitos abstratos na interação com o mundo, com a generacidade humana, à medida que constrói a sua singularidade, mediada pela sociedade.

Partindo desses pressupostos, pretende-se desenvolver a compreensão de adolescência, psiquismo e desenvolvimento humano. Toma-se por referência a construção teórica e interpretativa elaborada a partir de uma pesquisa qualitativa realizada com profissionais de saúde sobre os sentidos e significados de adolescência.

A pesquisa teve como objetivo compreender os sentidos de adolescência construídos por profissionais de saúde que integram a Estratégia de Saúde da Família (ESF) de um município do interior do Estado de São Paulo. Buscou contextualizar e discutir como a prática com adolescentes tem sido concebida, pensada e desenvolvida dentro da política de saúde priorizada no país (da atenção básica e ESF) e na formação dos profissionais médicos e enfermeiros, atores sempre presentes nas equipes de saúde da família.

Metodologia e sujeitos da pesquisa

A pesquisa de campo foi realizada em um município paulista, com população de 213.000 habitantes, credenciado junto ao Ministério da Saúde em Gestão Plena, que conta com uma rede de atendimento à saúde pública, na atenção básica, composta por doze Unidades Básicas de Saúde (UBS) urbanas e uma rural e onze Unidades de Saúde da Família.

As informações foram coletadas por meio de entrevistas semiestruturadas, individuais, com 22 profissionais (médicos e enfermeiros) que compunham as 12 equipes da ESF então existentes no município pesquisado.

Definimo-nos pela análise aprofundada de quatro entrevistas, sendo os sujeitos dois médicos (João e Pedro¹) e duas enfermeiras (Maria e Ana), considerando serem representativos dos profissionais entrevistados, com respostas mais detalhadas e aprofundadas às questões. Estes profissionais também representam os dois modelos de formação encontradas (dois com formação mais tradicional e dois com formação centrada na Estratégia de Saúde da Família), entretanto, este dado tornou-se irrelevante na análise dos sentidos e significados de adolescência construídos pelos profissionais.

Utilizou-se a metodologia de Núcleos de Significação preconizada por Aguiar e Ozella (2006). Inicialmente realizou-se a leitura atenta de cada entrevista com o objetivo de levantar os pré-indicadores de análise, que então foram agrupados, em um segundo momento, de forma a organizar-se indicativos de significados e sentidos. Como terceiro momento e início de análise propriamente dita, os indicativos de sentidos foram agrupados por núcleos de significação, de maneira a possibilitar a compreensão da construção de sentidos pelos sujeitos inseridos no plano dos significados e objetividades postas. Neste artigo, limitamo-nos a discutir alguns aspectos da análise dos significados e sentidos construídos pelos profissionais sobre adolescência/adolescentes como subsídio à reflexão teórica sobre adolescências e subjetividades.

Sentido e significado como categorias de análise

Utilizamos como categoria de análise a relação sentido e significado, entendidos como partes de um mesmo fenômeno. Na construção do pensamento e da linguagem, os sentidos e significados se relacionam dialeticamente como constitutivos do psiquismo na dinâmica de desenvolvimento humano.

A compreensão sobre a relação sentido e significado é análoga à da relação objetividade-subjetividade, ou seja, não estão numa relação dicotômica, mas fazem

¹ Nomes fictícios

parte de um processo, numa relação mediada, e, sem perderem sua identidade, se fundem, fazendo-se um pelo outro. Tratam-se de dois heterogêneos de um processo homogêneo.

Sentido e significado como heterogêneos de um processo homogêneo só podem ser compreendidos em conjunto; diferentemente da relação entre sentido e palavra, que, em certa medida, podem ser separados. Para Vigotski (2001), o sentido pode ser separado e fixado em outra palavra, permitindo substituir uma palavra por outra, sem lhe alterar o sentido. Ademais, uma palavra pode existir sem sentido, e o sentido existir sem palavra. O significado, por sua vez, não pode ser separado da palavra, ele é a própria palavra, constituindo-se num traço indispensável, um conceito, assim como se constitui na matriz da construção dos sentidos. Daí a indissociabilidade entre significados sociais e sentidos singulares pela mediação do particular.

Segundo Vigotski (2001, p. 398), “A palavra desprovida de significação não é palavra, é um som vazio”, mas tem como aspecto importante o seu desenvolvimento, podendo sofrer mudanças qualitativas e externas, mantendo-se do ponto de vista psicológico. Ou seja, são conceitos partilhados socialmente, que se desenvolvem com o tempo, de acordo com as mudanças socioculturais. Portanto, os significados se desenvolvem com a cultura e com o contexto social.

Os sentidos são pessoais, mas podem e devem ser acessados por meio do significado, elemento partilhado que possibilita a compreensão entre os sujeitos. No entanto, o sentido não é/está indissociável do significado. Na visão histórico cultural, os significados podem ser compreendidos como produções históricas e sociais, referindo-se ao que é compartilhado, instituído socialmente, apropriado pelos sujeitos e reorganizado a partir da sua subjetividade, constituindo-se como uma unidade do pensamento. Os sentidos encontram-se mais no plano subjetivo, na unidade dos processos cognitivos, afetivos e biológicos, como afirmam Aguiar e Ozella (2006, p. 227):

O sentido refere-se a necessidades que, muitas vezes, ainda não se realizaram, mas que mobilizam o sujeito, constituem o seu ser, geram formas de colocá-lo na atividade. O sentido deve ser entendido, pois, como um ato do homem mediado socialmente. A categoria sentido destaca a singularidade historicamente construída.

Esta relação intrínseca entre significado e sentido é também discutida por Leontiev (1978), para quem os sentidos fazem parte do conteúdo da consciência e parecem entrar na significação objetiva. Ele nos alerta que é o sentido que se exprime nas significações, e não a significação nos sentidos. Por isso, chama a atenção para a necessidade de distingui-los.

Compreendendo assim sentido e significado, pode-se afirmar serem categorias históricas que representam uma complexidade e mutabilidade em construção, decorrentes das condições concretas de vida dos sujeitos.

Análise e discussão

Para uma investigação que pretenda analisar, problematizar e compreender o fenômeno em sua totalidade concreta e assim, captar os significados e sentidos de adolescência, entendemos como fundamental ir além da palavra, do discurso (verbalizado), da imediaticidade. Compreender o fenômeno de forma dialética significa dizer que a palavra ou a linguagem externa não são meramente reprodução do discurso ou fala interna, mas, sim, a materialização do pensamento, modificado e transformado no processo de externalização do pensamento.

Tratando mais diretamente da apreensão do objeto de estudo, significados e sentidos de adolescência construídos por profissionais, não basta entender as palavras presentes no discurso dos sujeitos, mas, sim, compreender a construção de seus pensamentos e as mudanças que vão se dando no processo de reflexão e reconstrução do pensamento verbalizado (as palavras). A palavra, signo por excelência, consiste na unidade de análise, ponto de partida para a apreensão do processo, da totalidade, das múltiplas determinações que compõem o sentido construído pelo sujeito.

A revisão teórica (GROPPO, 2000; STANLEY HALL, 2000; ABERASTURY; KNOBEL, 1989; CAMPOS, 1987; OSÓRIO, 1992; FLEMING, 1993; AYRES; FRANÇA JR., 2000; SANTOS, 1996, entre outros), aponta certo predomínio de uma visão naturalizada desse momento de vida chamado adolescência, atrelada à ideia de um desenvolvimento humano natural, que segue uma maturação biológica por ciclos de vida e uma perspectiva universalizante, entendendo que as mudanças biológicas são comuns em todas as culturas, impingindo, necessariamente, a vivência desta fase em todas elas. Desta forma, parece desconsiderar que cada cultura poderá ter vivências de

adolescência diferenciadas ou, mesmo, não tê-las, passando a criança diretamente para a vida adulta. Ainda, em muitos trabalhos, uma perspectiva patológica sobre a adolescência, onde a crise da adolescência traz em si certo grau de patologia normal, ou, como foi nomeada, síndrome normal da adolescência (ABERASTURY; KNOBEL, 1989).

Nesse sentido, consideramos importante compreender o sentido de adolescência dos profissionais de saúde integrantes desta pesquisa, fundamentalmente pela sua inserção na Estratégia de Saúde da Família, atualmente entendida como responsável pela saúde integral de adolescente e pelas ações educativas e preventivas, na atenção básica.

A análise dos significados e sentidos produzidos pelos profissionais de saúde, sujeitos na pesquisa apontaram o predomínio da visão naturalizada de desenvolvimento.

Ao analisarmos a fala do médico João (M João), a adolescência parece ser entendida como uma fase de desnorteio, dificuldades, desencontros, confusão e vulnerabilidade, correspondendo ao modelo de adolescência social e culturalmente predominante, o que nomeamos de visão naturalizada e universalizada, já que em nenhum momento ele indica uma compreensão de que a adolescência possa ser diferente para cada sujeito, em cada cultura. Assim, universaliza como uma fase que, sinteticamente, podemos nomear de conflituosa, em toda e qualquer cultura. Também coloca no adolescente algumas características, as quais generaliza, indicando um entendimento de que elas são naturais, responsáveis pelo conflito vivenciado, como insegurança, auto-incompreensão, desequilíbrio e vulnerabilidade, como ilustram os trechos a seguir:

A minha compreensão de adolescência, eu sempre vivi isso aqui, sempre que tenho a oportunidade, é uma fase terrível de absoluto desnorteio tanto da família quanto do adolescente! O adolescente não é mais criança, mas ele também não é adulto. Então a mãe fala: "Você não pode fazer isso, rapaz, porque você não é adulto ainda". Daqui a pouco ele toma outra atitude: "Mas você não pode, você não é mais criança". Na cabeça desse adolescente, é um festival de confusão (M.João).

Então, eu acho que no meu modo de entender é a fase mais delicada, mais vulnerável do ponto de vista da formação da personalidade, de focos na vida [...] Eu, se pudesse definir, eu diria que adolescência é a fase mais vulnerável do indivíduo, do ponto de vista do comportamento, da saúde. É a fase vulnerável do indivíduo no meu modo de entender...

Na verdade, temeroso de avançar para a fase adulta, não querendo mais voltar a ser criança, e aí que eu acho que eles ficam vulneráveis, por isso, porque eles não se entendem. E se eles próprios não se entendem, não conseguem compreender em que terreno eles estão pisando, então não posso esperar muito equilíbrio, atitudes muito ponderadas (M João).

É bem presente no discurso do médico a ideia de fase, o que nos indica que ele parece ter construído o sentido de adolescência tendo como referência ciclos de vida, cujo significado é socialmente partilhado na cultura ocidental, concepção marcada por uma ideia de desenvolvimento natural, num crescente de aquisição de recursos físico, cognitivos e emocionais, que habilitam o adolescente à entrada em outras fases (ciclos de vida). A essa compreensão Vigotski (2006) teceu críticas, considerando-a biologizante ou mesmo idealista, conquanto dissociada dos seus substratos sociais, históricos e culturais. Para esse autor, o que marca a adolescência não é um processo natural de desenvolvimento, mas, sim, as mudanças radicais em seus interesses, num movimento dialético de crise e síntese, desencadeado pela vivência concreta do sujeito e também pelas mudanças biológicas orgânicas. É quando emergem novas necessidades, desenvolve-se a autoconsciência e, conseqüentemente, uma autonomia, decorrente da revolução nos processos psíquicos.

Por outro ângulo, analisando o trecho abaixo, percebemos que M João aponta como algo positivo a franqueza e liberdade de expressão do adolescente, sendo para ele uma descoberta surpreendente.

Eu me surpreendi com a franqueza dessa faixa etária, com a liberdade de expressão, eu não acreditava, às vezes, no que eu estava ouvindo de algumas pessoas porque na minha cabeça eu tinha conservado o adolescente que eu fui. Pelo menos, eu estou para fazer 50, há 30 anos atrás (M João).

Esta vivência foi entendida por ele na perspectiva de apontar mudanças de como os adolescentes têm se comportado, ao comparar com sua própria adolescência. Ele, de certa forma, não apenas naturaliza, pois, ainda que em termos relativos, percebe mudanças na forma de ser adolescente em cada tempo.

Nesse sentido, Vigotski (2001) nos lembra que internalizamos não os gestos como materialidade, mas a significação da atividade, com o poder de transformar o natural em cultural. É o que parece ter ocorrido com o sujeito: a internalização do significado dessas mudanças, transformado num conteúdo com sentido atrelado à sua

história de vida (o adolescente que foi), resultando na surpresa e justificativa social, como fica claro no trecho de fala destacado. Entretanto, mesmo considerando historicamente mudanças na forma de os adolescentes se comportarem, o médico não parece compreendê-las, de forma mais aprofundada, como decorrente de uma construção social e histórica, diferenciada pela história de vida de cada sujeito e suas contradições. Aparentemente permanece o entendimento de que a adolescência mudou historicamente, dada a influência das mudanças sociais, mas que todos os adolescentes a vivenciarão dentro das mesmas características, por decorrência da tendência de naturalização que parece predominar em seus sentidos e significados.

Ao caracterizar a adolescência, outro médico (M Pedro) entende como o momento de finalização da formação da personalidade e considera que o contexto pode influenciar o caminho que este vai seguir. Nesse sentido, atribui algumas características inerentes à adolescência, tais como: conflito, linguagem própria, desconfiança, afloramento da sexualidade, nivelamento com o grupo, sensação de fazer parte e ser igual à turma, e, ainda, o que denominou “síndrome” ou “complexo” de super-herói, justificado pela visão de que o adolescente acharia que poderia tudo e que nada possa vir a acontecer. Assim, a forma como caracteriza a adolescência se aproxima bastante daquela definida por Aberastury e Nobel (1989), com a indicação de fase de conflito.

[...] o adolescente ele tem aquela síndrome de super-herói, complexo de super-herói: "Eu posso tudo, eu faço tudo, nada vai me acontecer... Adolescência é viver em conflito, é a fase do conflito [...] Então é uma fase de transição em que você perde algumas coisas e não consegue ganhar outras coisas para repor. E você está desenvolvendo, montando, terminando de montar a sua personalidade (M Pedro).

Outra participante da pesquisa, a Enfermeira Maria (Enf Maria), ao verbalizar sua compreensão de adolescência, parte de sua própria vivência:

A gente entra em conflito: "Ai, gente, ao mesmo tempo eu quero fazer isso, eu não quero fazer aquilo. Eu gosto da minha mãe, mas eu sinto raiva dela" É... "Eu gosto da minha irmã, mas ao mesmo tempo eu tenho ciúmes" "Minha amiga não gosta de tal, eu estou gostando de tal paquerinha" e aí meu corpo... eu tinha, eu tenho a mama grande, eu tinha que aceitar que eu tinha a mama grande em relação aos outros, ser uma menina alta em relação às outras, complexo de inferioridade, de você querer se comparar com os outros... (Enf Maria).

Olha, adolescência é uma coisa muito... é meio nó, é meio que atração hoje [...] é um período de transformação, eu vejo os adolescentes como um período de transformação do corpo, do biológico, que muda, a questão hormonal, a questão do corpo, de aparecer a mama, de aparecer os pêlos pubianos, mas é período de transformação na questão psicológica da pessoa, do momento que ela quer adquirir responsabilidade, ao mesmo tempo não quer assumir, quer curtir a vida, quer ser criança ainda, é um período que é difícil porque faz muito tempo que eu não vejo (Enf Maria).

Analisando seu discurso, parece-nos que o sentido de adolescência construído por ela é permeado pelas contradições decorrentes da internalização dos valores pressupostos em sua vida pessoal, do aprendido e vivenciado em sua formação profissional e da simbolização de sua própria adolescência. Desta forma, percebemos que tende a naturalizar e universalizar a adolescência, considerando que existem conflitos e emoções que seguem próprias da adolescência; ao mesmo tempo, contextualiza e atribui à família certa responsabilidade pelas dificuldades que o adolescente vivencia. Como nos lembra Friedman (1995, p. 137):

Os sentidos pessoais referem-se a enlaces ou relações atribuídas às palavras no confronto entre as significações sociais vigentes e a vivência pessoal. Estão dessa forma ligados a momentos e situações dadas, a motivos e afetos, às atividades e experiências particulares vividas pelos sujeitos, que processam e transformam os significados e são capazes de articular uma consciência e um comportamento com maior ou menor grau de crítica em relação à interpretação ideológica da realidade.

Portanto, só podemos compreender o sentido de adolescência construído pela Enf. Maria, se considerarmos a contradição como constitutiva do pensamento, do desenvolvimento da consciência, assim como da emoção e linguagem. Aguiar e Ozella (2006) referem-se à compreensão de significado e sentido como constituídos pela unidade contraditória do simbólico e do emocional. Também Vigotski (2001, p. 479-480) lembra que: “a compreensão efetiva e plena do pensamento alheio só se torna possível quando descobrimos a sua eficaz causa profunda afetivo-volitiva”.

Para a segunda enfermeira da pesquisa (Enf Ana), o sentido de adolescência parece ser mais amplo que o significado expresso na palavra conflito, refletindo também sua história de vida, e articulando os eventos psicológicos produzidos por ela, frente à realidade. Segundo ela, sua adolescência foi de muito conflito com os pais. Por exemplo, ter saído de casa foi uma situação de muito aprendizado, assim como a volta, que lhe possibilitou compreender que era mesmo um momento de conflito. O trecho abaixo nos possibilita entender este processo.

Minha experiência como filha, como irmã. Eu entendi o que aconteceu comigo, quando eu acolhi meus irmãos, que eu pude falar assim: “Entenda o pai, ele teve outra criação, ele quer o melhor pra gente, tenta entender, você vai crescer, vai se tornar homem”. Então, hoje eles me veem... é tão gostoso, sabe quando você se sente meio mãe, assim? (risos) Ele não fala “mãe”, você sente que eu pude estar presente ali, estar abrindo o olho dele, estar conversando com ele, de estar se envolvendo com droga, saiu de casa, ai a gente foi atrás, conversou, tudo.. Então, é a minha experiência, mesmo, de vida.

Então, foi onde eu entendi que é mesmo um momento de conflito... então a minha forma de lidar com adolescência é assim, é uma fase transitória, é uma fase que a gente não tem dado conta, pai, mãe... precisa buscar ajuda profissional, uma terapia...tem que estar dialogando, tentando entender, sem estar julgando, então eu procuro ver assim a situação(Enf. Ana).

Percebe-se que os quatro profissionais, guardadas as particularidades de suas histórias de vida e formação, em suas construções de sentido e significado sobre adolescência, trazem alguns valores socialmente partilhados, que de forma geral, tendem a universalizar e naturalizar a adolescência. Ao tratar como fase, subentende-se como algo natural do ciclo de vida e que, portanto, todos vivenciarão, sem diferença em seus aspectos materiais, sociais e culturais.

Não obstante às tendências mais gerais consideradas na análise até aqui explicitada, compreendemos que a construção de sentido e significado sobre esta população é atravessada pela história pessoal e de trabalho, aparecendo, em alguns momentos, contradições quanto à naturalização e possibilidades de intervenção que modifiquem a condição dos adolescentes. Sugerem, em alguns momentos, um entendimento como natural e universal e, em outros, indicam aspectos sociais e históricos como constitutivos do ser adolescente. Gonçalves e Bock (2003) nos lembram que a relação entre atividade e consciência não é mecânica, mas sim atravessada por mediações que devem ser consideradas, incluindo a reflexão do sujeito sobre sua ação.

Portanto, as contradições apontadas parecem fazer parte do processo de construção da consciência, mas ainda cindida quanto ao fazer e atravessada por um significado predominante de adolescência natural, universal e, até mesmo patológica.

É o que apreendemos dos significados e sentidos construídos por M Pedro, que caracteriza a adolescência como sendo uma fase de conflito, entendendo ser um momento único, decorrente do processo de desenvolvimento natural, uma fase pela qual todos irão passar e vivenciar conflitos, compreendidos por ele como algo que

pode levar ao adoecimento emocional. Apresenta alguns indícios de compreensão do fator econômico como algo que diferencie a vivência da adolescência, mas negligencia o social, a história de vida e as condições de existência do adolescente, na determinação do seu ser adolescente.

Percebemos que o sentido está, ainda, muito atrelado à naturalização, universalização e patologização do momento humano significado como adolescência. Ele tende a negar o caráter histórico e os fenômenos sociais relacionados ao lugar que o adolescente tem na sociedade, ao considerá-los predominantemente como natural e universal e, portanto, independente da época, do grupo/classe social e vivência concreta do adolescente. Atribui-se naturalidade ao conflito e àquilo que socialmente é significado como sendo adolescente (GONÇALVES, 2003a). Podemos perceber em várias situações de seu discurso, como por exemplo, quando diz que “gosta de fazer coisas de adolescente”, que em outras idades/fases, não se teria determinados comportamentos e gostos, sendo esses próprios do adolescente. Daí nossa compreensão de que, em grande medida, estaria naturalizando e universalizando aspectos sociais da vivência dos adolescentes.

Para as Enf Maria e Ana a construção de sentidos de adolescência, trazem o entendimento de momento de conflito, apontando duas características principais: desconfiança e insegurança decorrentes do conflito vivenciado. Na análise de suas palavras, podemos captar no subtexto que estas não trazem, à priori, uma concepção fechada de adolescência, mas entende que o conflito vivenciado é decorrente do lugar social em que o adolescente é colocado e da expectativa que se tem sobre ele, gerando conflito. Porém, de certa forma, universalizam, quando indicam que os adolescentes passam pelo conflito, não indicando qualquer diferenciação que dependa da cultura.

M João parece não perceber que as mudanças sofridas pelos adolescentes sejam decorrentes das mudanças sócio-históricas, e do desenvolvimento da autoconsciência e autonomia. De acordo com a perspectiva histórico cultural, que se difere da dos profissionais e de M João, na idade de transição, o homem passa a recorrer a diversas denominações verbais em seus atos psíquicos, tomando consciência de si e transformando seu comportamento para si. Assim, a mudança que ocorre na adolescência é qualitativa e não uma evolução natural do desenvolvimento,

com a alteração na estruturação psíquica, principalmente no conteúdo e na forma de estruturação do pensamento. Porém, como aponta Vigotski (2006, p. 230), o comportamento do indivíduo é idêntico ao comportamento social, considerando que este internaliza as relações sociais, tornando-se para o indivíduo funções e formas de sua estrutura psíquica:

Como já foi dito em reiteradas ocasiões, as funções psíquicas superiores tem como base, o domínio da própria conduta; tão somente quando tenhamos presente o domínio da conduta podemos falar sobre a formação da personalidade. Mas o domínio pressupõe, em qualidade de premissa, o reflexo na consciência, o reflexo em palavras da estrutura das próprias operações psíquicas, já que, como dissemos, a liberdade também neste caso, não é outra coisa que a necessidade gnosiológica [...] O que denominam vontade é a conduta verbal. Não existe vontade sem linguagem; a linguagem está contida na ação volitiva tanto em forma oculta, como manifesta.(tradução nossa)

Esses fragmentos apresentados dos discursos dos quatro profissionais e a análise focada nos sentidos e significados possibilitam a reflexão sobre quais referenciais tem sido produzido discursos e práticas para e com adolescentes/jovens nas sociedades contemporâneas.

Adolescência e subjetividade: subsídios teóricos e reflexivos

Neste item, procuramos retomar a reflexão teórica apresentada brevemente no início do texto, subsidiada por alguns dados e análises da pesquisa realizada.

Para analisar os significados e sentidos de adolescência construídos pelos profissionais de saúde, procuramos desconstruir a visão predominante e hegemônica encontrada na revisão de literatura. Partimos de uma compreensão de adolescência que, sem negar as mudanças biológicas ligadas às questões hormonais, entende que estas são influenciadas e modificadas pelas condições concretas de vida de cada pessoa, o que significa dizer que, mesmo as mudanças biológicas, que, de certa forma ocorrem em todas as culturas, serão diferentes qualitativamente para todos os sujeitos. A significação de cada experiência é própria de cada um, mediada pela sua história de vida, pelo seu grupo social e sua cultura, culminando na personalidade ou autoconsciência, na idade de transição. Esse é, segundo Vigotski (2006), o ponto central de toda a idade de transição. Ao tomar consciência de si mesmo, o adolescente

transforma o comportamento em si no para si, dando aos atos psíquicos um caráter pessoal, passando a ter domínio sobre eles. Segundo Vigotski (2006, p. 232):

Quando nos sentimos fonte da ação atribuímos caráter pessoal a nossos atos, mais precisamente a este nível de domínio de suas operações internas ascende o adolescente.(tradução nossa)

Assim, a natureza psíquica consiste no conjunto das relações sociais internalizadas e convertidas em estruturas dinâmicas da personalidade. Esta última entendida como uma construção social, resultante da estruturação das funções psicológicas superiores, ou seja, do desenvolvimento do pensamento, da consciência, construindo sentidos pessoais para o mundo internalizado, como esclarece o próprio Vigotski (2006, p. 228):

Portanto, as estruturas das funções psíquicas superiores vem a ser a cópia das relações coletivas, sociais entre os homens. Essas estruturas não são mais que as relações de ordem social transportadas ao interior da personalidade que constituem a base da estrutura social da personalidade humana. A natureza da personalidade é social. (tradução nossa)

Nessa concepção, homem, mundo e fenômeno psicológico são entendidos como construção social e histórica; não existem *a priori*, não são decorrentes de um desenvolvimento natural. A compreensão de desenvolvimento consiste na apropriação e superação das funções psicológicas inferiores e na sua conversão qualitativa em funções psicológicas superiores — no desenvolvimento do pensamento e da linguagem —, ou seja, não é um processo natural humano. Sem negar as mudanças biológicas e a maturação do organismo físico, compreende-se que as mudanças se realizam mediadas pelas condições concretas de existência (sociais e históricas) e, da mesma forma, o psiquismo humano, entendido como resultado de mediações sociais. Portanto, entende-se o conflito não como algo inerente a adolescência, produzido pelo psiquismo humano, mas decorrente da materialidade concreta e vivência dos sujeitos em seus contextos sócio-históricos. Sendo assim, o conflito é social e não psíquico por natureza.

Entretanto, no geral, os sentidos e significados construídos pelos sujeitos analisados na pesquisa parecem corresponder à visão hegemônica, que considera a adolescência como uma etapa natural, evolucionista do desenvolvimento humano e, conseqüentemente, a constituição do psiquismo. Essa perspectiva parece

corresponder às expectativas dos profissionais, que não se sentem aptos a interferir no processo natural. De certa forma, a psicologia, historicamente contribuiu para a construção dessa visão desenvolvimentista de constituição do psiquismo humano.

Entretanto, para Vigotski (1999a), o psiquismo humano deve ser o objeto de estudo privilegiado da psicologia e, para compreendê-lo, exige-se a apreensão da cultura e das várias formas de vivência social que constituem uma determinada sociedade. Assim, o psicológico se constitui na relação do homem com o mundo social e cultural, e, nesse sentido, “o homem é afetado pelo mundo, vive essa experiência com todo o seu ser e, portanto, com toda sua diversidade e riqueza de possibilidades” (AGUIAR, 2007, p. 96).

Sendo o psiquismo humano resultado de mediações sociais, o desenvolvimento passa a ser entendido como a assimilação da experiência geral da humanidade, na apropriação do humano (genérico), constituído pela cultura, pela sociedade e pelas condições concretas de existência, num movimento de incorporação e superação dos aspectos considerados naturais ou biológicos. Consiste, portanto, na individualidade, no particular, compreendido como a internalização do mundo externo, com a expressão de sua condição histórica e social no mundo interno, mediado pela atividade, pela linguagem e pelo desenvolvimento da consciência (VIGOTSKI, 1995; AGUIAR, 2007).

Esse entendimento nos alerta para a não mecanicidade ou simples reflexo do mundo externo no desenvolvimento do psiquismo e da consciência, e aponta para a compreensão de que ambos são integrados, mediados pelas condições históricas, sociais e pela atividade humana. Trata-se de uma mudança qualitativa, processual e dialética das várias relações, inter e intrapsíquicas.

Essa forma de compreender a constituição humana possibilita entender a adolescência como uma construção social, cultural, mediada pelas condições concretas de vivência de cada sujeito adolescente.

O pressuposto nessa perspectiva teórica é de uma unidade entre o desenvolvimento biológico e o desenvolvimento cultural, mediada pela utilização de instrumentos e signos. (MOLON, 2003).

Assim, o desenvolvimento humano vai se dando pela estruturação das funções psicológicas superiores, sendo elas consideradas como um processo de mudanças

qualitativas. Vigotski (2001) chamou de funções psicológicas superiores (culturais, voluntárias) as funções psicológicas inferiores humanas (naturais, involuntárias), transformadas qualitativamente.

O processo de apropriação e diferenciação da própria sociedade transforma as funções psicológicas inferiores em superiores, representando o domínio do desenvolvimento do mundo externo (cultural, social e emocional), mediado pela linguagem.

Com base nestas considerações, podemos entender que o desenvolvimento psicológico é um processo de natureza cultural, o que significa dizer que, ao nascer, o homem possui o equipamento biológico (genético e neurológico da espécie), mas já é um ser social. Haja vista que, desde a sua concepção, o ato humano permeia as condições de existência desse ser, passando por um planejamento e vivência dependente das condições concretas de existência de seu grupo social (cultura, país, família, raça, gênero, classe social etc.). Vigotski (1995, p. 34) entende que:

No proceso de desenvolvimento histórico, o homem social modifica os modos e procedimentos de sua conduta, transforma suas inclinações naturais e funções, elabora e cria novas formas de comportamento especificamente culturais.(tradução nossa)

Assim, o desenvolvimento consiste num processo de formação vivo, não linear, que envolve conflito e contradição, portanto, em oposição a uma perspectiva de desenvolvimento dominante na psicologia, marcada pelas determinações biológicas.

Dessa forma, a adolescência não pode ser entendida como uma etapa natural do desenvolvimento, mas um produto social, construído ao longo da história de cada cultura, de cada sociedade, mas também de cada sujeito, pela sua ação, pela possibilidade de autonomia e desenvolvimento da autoconsciência, em seu processo de humanização. Portanto, o adolescente é um ser ativo, social e histórico, e não uma determinação *a priori*, ancorada nas mudanças biológicas que ocorrem em um determinado momento da vida.

Entende-se que os interesses na adolescência não se modificam mecanicamente, mas, sim, no processo de desenvolvimento interno e de estruturação da personalidade, quando reconstróem as próprias formas de atração

qualitativamente, transformando-as em interesses humanos, em funções psicológicas superiores (VIGOTSKI, 2006).

Isso significa dizer que o adolescente vivencia mudanças radicais em seus interesses, num movimento dialético de crise e síntese, e num processo de maturação desencadeado pelas mudanças orgânicas, relacionadas ao processo de maturação sexual. Conseqüentemente, emergem novas necessidades, que constituem a base de todas as mudanças no sistema de interesses do adolescente. Ou seja, o que muda são os interesses, as necessidades, que movimentam os mecanismos do comportamento. Assim, o desenvolvimento dos interesses está na raiz do desenvolvimento cultural e psíquico do adolescente, ocorrendo uma revolução em seu pensamento.

A esse movimento Vigotski (2006) chamou de passagem do pensamento por complexos para o pensamento por conceitos, o que significa uma mudança profunda no conteúdo de seu pensamento e na sua estruturação, devido à formação de conceitos. Entendendo melhor: tudo o que era um princípio exterior na criança (normas éticas, convicções, interesses, regras de conduta), no adolescente passa a ser interno, dado o desenvolvimento maturacional e a mudança de pensamento, com a estruturação de mecanismos de domínio do conteúdo novo, que leva a novas formas de combinação das funções elementares e a novos modos de pensamento. Esse novo pensamento vai criando novas formas de conduta.

Assim, o pensamento por conceitos possibilita ao adolescente uma consciência social objetiva, a assimilação do conhecimento, da cultura, com a sua participação ativa, diferentemente da criança, que o faz de maneira mais passiva e incompleta. Portanto, a adolescência se caracteriza pela passagem das funções externas para dentro, tais como a memória e o pensamento. Como exemplo, observe-se este trecho de Vigotski (1999b, p. 119):

Observem a idade de transição. Verão que, para o adolescente, lembrar significa pensar. Se antes da idade de transição o pensamento da criança se apoiava na memória, e pensar significa lembrar, para o adolescente, a memória se baseia fundamentalmente no pensamento: lembrar é, antes de mais nada, procurar numa determinada seqüência lógica o que se precisa.

A fundamentação e compreensão de sujeito como histórico cultural, possibilita construir uma compreensão de adolescência como um momento diferenciado pelas mudanças qualitativas que ocorrem com o sujeito, principalmente de seus interesses

baseados em sua realidade material. Desta forma, como apontam Aguiar e Ozella (2008) não existe “uma adolescência”, mas que as condições sociais de existência (classe social, idade, cultura, gênero) constituem as diferentes formas de ser e viver a adolescência.

Considerações finais

Os elementos de reflexão resultantes da pesquisa apontam que os significados e sentidos construídos pelos profissionais sobre adolescência, ainda que potencialmente possam ser modificados, dada algumas contradições presentes, são mediados por uma concepção hegemônica, no geral caracterizada como naturalizante, universal e patológica (OZELLA, 2002; 2003; PERES; ROSENBERG, 1998; FONSECA, 2008); e, ainda, que a dificuldade de trabalho com esta população se aponta nos problemas vistos como inerentes a um estágio de desenvolvimento.

A análise crítica dos discursos pesquisados, ancorada à compreensão de adolescência social e historicamente construída, aponta para a invisibilidade dos sujeitos adolescentes concretos, nas práticas educativas no contexto da saúde. Nesse sentido, os pressupostos da teoria histórico cultural discutidos neste trabalho, nos permite apontar que se o olhar sobre a adolescência fosse reconstruído, na perspectiva de que o modo de ser adolescente é resultante da cultura e do grupo social em que cada um está inserido, sendo sua história de vida e de simbolização a responsável por novas formas de se comportar, ou seja, de que a subjetividade do adolescente é construída nas condições concretas de existência do sujeito, de sua história de vida e de construção do pensamento e da linguagem, provavelmente os profissionais se sentiriam mais capazes de intervir no processo, podendo perceber a adolescência como um momento de transição, onde ocorrem as mudanças de interesses e desenvolvimento da autoconsciência. Compreendendo a adolescência como uma construção social, que pode ser experienciada e significada de maneiras diferentes, os processos educativos passariam a ter papel fundamental nas ações em saúde e nos demais contextos de produção de subjetividades e intervenção para e com adolescentes.

Referências

ABERASTURY, A; KNOBEL, M. **Adolescência normal**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.

AGUIAR, W. M. J. Consciência e atividade: categorias fundamentais da psicologia sócio-histórica. In: BOCK, A. M. B.; GONÇALVES, M. G. M.; FURTADO, O. (Org.). **Psicologia sócio-histórica: uma perspectiva crítica em psicologia**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007. p. 95-110.

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para a apreensão da constituição dos sentidos. **Psicologia: Ciência e Profissão**, Brasília, v. 26, n. 2, p. 222-245, jun. 2006.

_____. Desmistificando a concepção de adolescência. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 133, p. 97-124, jan./abr. 2008.

AYRES, J. R. C. M.; FRANÇA JR., I. Saúde do adolescente. In: SCHAIBER, L. B.; NEMES, M. I. B.(Org.) **Saúde do adulto: programas e ações na unidade básica**. São Paulo: Hucitec, 2000. p. 66-85.

CAMPOS, D. M. S. **Psicologia da adolescência: normalidade e psicopatologia**. Petrópolis: Vozes, 1987.

FLEMING, M. **Adolescência e autonomia: o desenvolvimento psicológico e a relação como os pais**. Porto: Afrontamento, 1993.

FONSECA, D. C. **Os profissionais da Estratégia de Saúde da Família (ESF) e a construção de sentidos sobre adolescência**. 2008. Tese (Doutorado em Psicologia Social) — Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2008. p.250.

FRIEDMAN, S. Uma aproximação metodológica ao estudo das emoções. In: LANE, S.; SAWAIA, B. B. (Org.). **Novas veredas da psicologia social**. São Paulo: Brasiliense/Educ, 1995. p. 135-146.

GONÇALVES, M. G. M. Concepções de adolescência veiculadas pela mídia televisiva: um estudo das produções dirigidas aos jovens. In: OZELLA, S. (Org.). **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 41-62.

GONÇALVES, M. G. M; BOCK, A. M. B. Indivíduo-sociedade: uma relação importante na psicologia social. In: BOCK, A. M. B. (Org.). **A perspectiva sócio-histórica na formação em psicologia**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 41-99.

GROPPO, L. A. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

LEONTIEV, A. N. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Moraes, 1978.

MARX, K. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: [s.n], 1983.

MOLON, S. I. **Subjetividade e constituição do sujeito em Vygotsky**. Petrópolis: Vozes, 2003.

OLIVEIRA, B. A dialética do singular-particular-universal. In: ABRANTES, A.; MARTINS, S. T. F.; SILVA, N. R. (Org.). **Método histórico-social na psicologia social**. Petrópolis: Vozes, 2005. 25-51.

OSÓRIO, L. C. **Adolescente hoje**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

OZELLA, S. Adolescência: uma perspectiva crítica. In: CONTINI, M. L. J.; KOLLER, S. H. (Org.). **Adolescência e psicologia: concepções, práticas e reflexões críticas**. Brasília: CFP, 2002. p. 16-22.

_____. A adolescência e os psicólogos: a concepção e a prática dos profissionais. In: OZELLA, S. (Org.). **Adolescências construídas: a visão da psicologia sócio-histórica**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 17-40.

PERES, F.; ROSENBERG, C. P. Desvelando a concepção de adolescência/adolescente presente no discurso da saúde pública. **Saúde e Sociedade**, v. 7, n. 1, p. 53-86, 1998.

SANTOS, B. R. **A emergência da concepção moderna de infância e adolescência**. Mapeamento, documentação e reflexão sobre as principais teorias. Dissertação

(Mestrado em Ciências Sociais (Antropologia) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1996.

STANLEY HALL, G. **Adolescence**: its psychology and its relations to physiology, anthropology, sociology, sex, crime, religion and education. Toronto: New York University, 2000. v. 2. Disponível em: <<http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/ps000085.pdf>>. Acesso em: 16 ago. 2011.

VIGOTSKI, L. S. **Obras escogidas III**. Problemas del desarrollo de la psique. Moscú: Pedagógica, 1995.

_____. **Psicologia da arte**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 1999a.

_____. **Teoria e método em psicologia**. Tradução de Paulo Bezerra. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999b.

_____. **A construção do pensamento e da linguagem**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Obras escogidas IV**. Psicologia infantil. 2. ed. Moscú: Pedagógica, 2006.

Enviado em Abril/2011

Aprovado em Junho /2011